

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DAS DIFICULDADES ESPECÍFICAS EM LEITURA

*Kétilla Maria Vasconcelos Prado
Lady Dayana de Lima e Silva
Maria do Nazaré de Carvalho
Teresinha Rodrigues Alcântara¹*

Professores, psicólogos, fonoaudiólogos e os veículos de mídia têm-se voltado, principalmente nos últimos anos, para os processos de identificação de dificuldades leitoras em crianças, a dislexia. Os problemas relacionados à educação têm sido pauta em diversas áreas profissionais de todo o país. Em entrevista recente, Luis Inácio Lula da Silva, presidente da República do Brasil, declarou as dificuldades e os índices preocupantes de nosso sistema educacional. A educação, portanto, passa a ser responsabilidade pública e não somente dos profissionais diretamente ligados ao ensino brasileiro.

A dislexia resulta de um processo de dificuldade aquisitiva de leitura, incapacidade de compreensão do que se lê, nessas condições, a criança consegue ler, contudo experimenta fadiga e sensações desagradáveis pela falta de assimilação do texto, apresentando um déficit de reconhecimento do mesmo. É importante a identificação precoce desta deficiência, pois quanto mais cedo identificado o problema melhor a aplicação do tratamento.

O transtorno de desenvolvimento leitor manifesta-se através de uma leitura oral lenta, com bloqueios, omissões, interrupções, distorções, correções e substituições de palavras. A identificação da dislexia costuma acontecer na observação de crianças em torno dos sete anos de idade, geralmente no primeiro ciclo do ensino fundamental. As crianças em que são detectados os problemas entre os 5 ou 6 anos de idade compensa as faltas de aprendizagem mais rapidamente, considerando que encontram-se em uma faixa etária propícia para a aquisição de conhecimentos e que terão uma menor lacuna a repor do que aquelas que as dificuldades só são observadas 4 ou 5 anos após o processo leitor prejudicado.

¹ Kétilla Maria Vasconcelos Prado, Lady Dayana de Lima e Silva, Maria do Nazaré de Carvalho e Teresinha Rodrigues Alcântara fazem parte do Grupo de Estudos Lingüísticos e Sociais (GELSO), coordenado pelo professor Vicente Martins, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, Estado do Ceará. E-mail: vicente.martins@uol.com.br

A solução destes tipos de transtornos depende da gravidade, tendo em vista, que se for um caso leve, de identificação em primeira fase, a intervenção é suficiente para a superação do problema, não restando seqüelas na idade adulta. Contudo, se for um caso mais grave, sem rápida observação, é possível que ocorram manifestações posteriores mesmo com aplicação de tratamento.

Dificuldades no campo da dislexia, quando não tratadas e sendo apresentadas com freqüência, tendem a gerar comportamentos negativos, causando algumas vezes, inquietações e até perturbações. Considerando a atual preocupação governamental com os problemas educacionais, vale ressaltar que a identificação precoce de casos de deficiência aquisitiva, como a dislexia, gera um menor custo no tratamento, uma vantagem econômica, do que situações detectadas tardiamente, tendo em vista, que o tratamento através de um programa de ensino, para crianças de 6 anos, durante um ano, é bem mais barato do que proporcionar um programa por meio de uma ajuda diária a uma criança de 10 anos que foi diagnosticada com atraso.

A deficiência mental, a escolarização baixa ou inadequada e os déficits sensoriais não devem ser caracterizados como diagnósticos do transtorno do desenvolvimento leitor. Alguns critérios de diagnósticação da dislexia foram introduzidos por Stanovich (1992) como rendimento não satisfatório em provas padronizadas de leitura e alteração como fator de interferência significativa nas aprendizagens acadêmicas ou em atividades da vida cotidiana de requererem a habilidade leitora, não se devendo essa alteração, a um defeito de acuidade visual ou auditiva, nem a qualquer transtorno neurológico.

Na identificação de problemas relacionados a dificuldades de aquisição da leitura são fundamentais as observações de fatores etiológicos, neuropsicológicos, psicomotores e sensoriais, cognitivos, condutuais e de linguagem. Esses fatores interferem diretamente na identificação do disléxico através da observação de problemas de linguagem de base em sala de aula.

Existem prognosticadores relacionados ao sucesso e fracasso leitor, dentre eles destaca-se a inteligência geral (QI), as aptidões de fala e linguagem, os processos de memória, as habilidades motoras e a predisposição a uma situação de risco. Esses prognosticadores são utilizados para a avaliação de populações em series iniciais. Quatro tipos de tarefas prognosticadoras das habilidades leitoras são destacadas por

Adams (1990), dentre elas a segmentação de sílabas e fonemas, a manipulação de fonemas, a combinação de sons e as relacionadas a rimas. Certas evidências sugerem que existe um processo interativo bilateral entre as habilidades fonológicas e aprendizagem da leitura (Snowling e Stackhouse).

O uso de estratégias fonológicas para a leitura e escrita é um dos principais problemas reconhecidos em crianças disléxicas, principalmente ao que se refere ao processamento de novas palavras. Muitos estudos sobre crianças que manifestam características precoces de risco de dislexia ainda precisam ser complementados e desenvolvidos, em virtude disso, a discussão do assunto exige cautela e um maior aprofundamento, porém as habilidades de processamento fonológico em crianças continuam sendo importantes quesitos na identificação de um diagnóstico inicial para os casos de dislexia.

Identificar as deficiências de leitura é de suma importância, pois ao detectar o quanto antes fica mais fácil criar métodos eficazes para auxiliar as crianças que apresentam tais problemas.

Essa preocupação tem mobilizado várias categorias de profissionais (fonoaudiólogos, professores, psicólogos) engajados em desenvolver estratégias de avaliação e até mesmo de intervenção, pois somente mediante a uma compreensão geral do problema, com coleta de dados, análises de casos é que se pode pensar em como agir dependendo de cada caso encontrando a melhor forma de sanar as deficiências.

Em leitores com problemas podem ser percebidas atitudes comportamentais diferentes, pois eles correm o risco de adquirir certa inquietude, frustração e outros aspectos negativos, além disso, algumas crianças são consideradas como pertencendo a grupos de risco (se os membros da família são analfabetos ou possuem problemas, atrasos em atividades leitoras).

Há várias formas para identificar sucesso ou fracasso na leitura (testes de QI, aptidões de fala, de linguagem, de atenção, processos de memória, habilidades motoras, de aptidões fonológicas).

Liberman e colaboradores (1974) demonstram que poucas crianças, na pré-escola, conseguem segmentar palavras em fonemas, sendo mais comum para elas segmentarem em sílabas quando isso ocorre é devido ao não conhecimento da correspondência entre letra e som, essa

concepção ou habilidade fonológica está intimamente ligada à aprendizagem da leitura.

A maioria das crianças que apresentam dislexia começam a falar tardiamente, podem ser identificadas essas deficiências quando não conseguem ou sentem dificuldades ao utilizar estratégias fonológicas para ler e escrever palavras desconhecidas ou longas.

Os distúrbios de linguagem envolve fracasso na leitura, problemas de sintaxe, deficiências fonológicas que prejudicam o desenvolvimento escolar afetando até mesmo a motivação da criança.

Os professores podem avaliar ou identificar estes distúrbios utilizando tarefas com rimas para ver se os alunos conseguem realizar analogias exercitando o som (pronuncia) e ortografia (escrita), a leitura por si só já é um mecanismo de análise onde percebe-se fluidez, clareza, segurança ou dificuldades, empecilhos...

Podem ser realizados testes para avaliar essa fonológica (o grau de utilização) pedindo aos alunos que forneçam palavras que rimem com uma palavra chave proposta ou ainda que forneçam palavras derivadas de uma palavra X (Rimas= viver; correr, parecer... Derivadas= Dente: dentinho, dentada, dentadura) estimulando a memória e o vocabulário que cada indivíduo possui, podemos identificar criança que apresentem insuficiência em testes envolvendo memória de curto prazo e também a longo prazo.

Outra forma para identificar esse problema em sala de aula é pela comparação da leitura ou atitudes leitoras de crianças que não apresentam dificuldades cuja leitura é rápida, clara, com ritmo, fluidez e mesmo diante de palavras não familiares elas fazem uma pausa, mas por fim conseguem ler em oposição as que sofrem distúrbios que apresentam leitura não clara, muito lenta, lendo soletrando, confundindo e trocando algumas letras, fazendo pausas mais longas, com tom de voz baixo, tremulo, angustiado ou ainda “lendo” tão velozmente embaralhando as palavras anteriores com as seguintes, ou pulando palavras, “engolindo” letras. Até mesmo em situações de fala espontânea falam “F” em lugar de “V” (fida em vez vida) ou “T” em vez de “C” (patote =pacote), um caso comum fala de “cebolinha” (clalo x claro) ou ainda confunde letras parecidas “p,q,b,d”.

Um indicador relevante é o conhecimento de letras, procedimento para constatar a memorização dos fonemas, teste de rapidez da fala

ou por testes de extensão, que podem ser realizados por psicólogos, fonoaudiólogos e professores.

Crianças que possuem habilidades fonológicas deficientes não entendem o “princípio alfabético” apresentando dificuldade em aprender as relações entre som e letra dificultando a leitura além de acarretar erros ortográficos.

É comum no início dos anos escolares a leitura costuma ser lenta com pouca precisão principalmente diante de palavras tão usuais, a raiz do problema mais uma vez é fonológico, pois crianças fonologicamente competentes adquirem habilidades de decodificação enquanto as que apresentam dificuldades não aprendem as representações sonoras que os grafemas contêm, dificultando a leitura.

Podem identificar esses déficits de leitura com atividades que utilizem repetição trocadilhos, pronuncia de palavras polissílabas e de não-palavras, ou até leitura de palavras isoladas além de palavras em um contexto analisando os resultados, vendo as dificuldades o professor será capaz de perceber quais alunos apresentam leitura irregular.

A leitura pode ser concebida em partes, sendo elas: o reconhecimento, a decodificação e compreensão daquilo que se ler é de fundamental importância, tanto no reconhecimento das letras quanto na decodificação, ou seja, nos dois processos anteriores.

Alguns pontos que podem ser avaliados; se o vocabulário visual é limitado, se há erros visuais, se ocorre à identificação apenas em parte na palavra, se há dificuldade na decodificação, quais letras são conhecidas e quais ainda precisam ser mais trabalhadas, como se dá correspondência entre letras e sons, se utilizam um contexto na obtenção da compreensão do significado, se utilizam ou não a auto-correção, se o leitor consegue responder perguntas sobre o conteúdo do texto, se ele é capaz de descrever (após a leitura) características dos personagens, valores, comportamento, até mesmo sobre a velocidade da leitura se é lenta ou demasiadamente rápida, se eles entendem o que estão lendo, se podem memorizar o conteúdo, se podem fazer analogias com ocorrências cotidianas.

É preciso detectar os fracassos de ordem cognitiva ou se ocorre inaptações visuais, acústicas ou de memória ou mesmo pela falta de informação não-visual que é o conhecimento prévio que o leitor já deve possuir em sua mente para interagir com conhecimento a ser aprendido

(informação visual, texto ou algo impresso) a falta de informação não-visual dificulta a leitura, daí então a atribuição do significado para facilitar o ato de ler.

A visão de túnel pode prejudicar os leitores, pois reduzem o campo visual tornando o material opaco e difícil de ler, seria como olhar tudo por um cano de papel, ela ocorre devido a situações de ansiedade e tentativa de processar muita informação de uma só vez não estando relacionado com a saúde ou eficácia dos olhos, mas com a visão em túnel, o leitor não consegue ver o texto ou parágrafos completos, mas seu campo visual se restringe a frases, palavras ou letras ou mesmo criar uma confusão impossibilitando a leitura.

Outra opção para identificar alunos que apresentam dificuldades de leitura, quando é proposta uma atividade de paráfrase, ou seja, recontar o texto com suas próprias palavras (testando habilidades de memória: entendimento, organização e competência lingüística), pois alguns alunos não apresentam dificuldades em ler, pronunciar, mas eles decodificam sem obter nenhuma extração de sentido daquilo que estão lendo.

Muitos não conseguem detectar a palavra chave ou a mensagem central de um texto, em outros casos até a discriminação de letras que muitos confundem p, q, b, d vão além das questões de lateralidade, pois alguns professores ensinam estas letras de forma isoladas sem significação aparente quando seria bem mais eficiente ensinar com palavras dotadas de significação (Bom Dom...).

Outro aspecto a ser observado é se ao ler o aluno respeita as pontuações, se utilizar entonação em voz alta, também lembrando da importância da leitura silenciosa ir tendo o contato com o texto e pode fazer inferências.

Resumindo os professores podem detectar estes distúrbios se atentarem para os aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos que ocasionam dificuldades no desempenho da aquisição da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*; trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARCIA, Jesus Nicaso. *Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática*; trad. De Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SNOWLING, Margaret; STRACKHOUSE, Joy e colaboradores. *Fala e Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.